

VIVÊNCIAS DAS MULHERES TRABALHADORAS NOS SERINGAIS (1940-1950)

WOMEN WORKER'S EXPERIENCES IN THE SERINGAIS (1940-1950)

Agda Lima Brito¹

Resumo

O mundo do trabalho amazônico foi historicamente construído sobre a figura masculina, com destaque ao espaço dos seringais, os quais colocavam a mulher e seus ofícios em posições subalternas, naturalizando seus trabalhos como domésticos, e assim ignorando sua condição de agentes igualmente transformadoras do espaço e do trabalho. Desse modo, pretendemos investigar a história do trabalho dessas mulheres nos seringais do Amazonas, seja dentro das colocações ou dos barracões, com o intuito de mostrar como viviam essas trabalhadoras, as dificuldades que enfrentaram e como resistiram, trabalhando com novas formas de sobrevivência dentro dessas regiões, através da produção da farinha, da coleta da castanha, da pesca, do trabalho de roça, práticas de curas, de assistência que vão sendo trocadas em seus cotidianos, buscando assim se tornarem menos dependentes do consumo nos barracões. Também pretendemos tratar de suas vivências, olhando as dificuldades enfrentadas ao se viver nas matas Amazônicas.

Palavras-chave: Mulheres; vivências; seringal.

Abstract

The world of work in the Amazon was historically built on the male figure, especially in the rubber plantations, which placed women and their trades in subordinate positions, naturalizing their work as domestic, and thus ignoring their condition as agents that equally transformed the space and work. In this way, we intend to investigate the history of the work of these women in the rubber plantations in Amazonas, whether in the placações or in the barracões, with the intention of showing how these workers lived, the difficulties they faced, and how they resisted, working with new forms of survival within these regions, through the production of manioc flour, the gathering of Brazil nuts, fishing, working in the fields, healing practices, and assistance that were being exchanged in their daily lives, thus seeking to become less dependent on consumption in the barracões. We also intend to deal with their experiences, looking at the difficulties faced when living in the Amazon forests.

Keywords: Women; experiences; rubber plantation.

¹ Doutora em História, membro do grupo de pesquisa História, Poder e Ideias Políticas do PPGHS-UERJ. E-mail: .



Introdução

Com o crescimento de pesquisas que se utilizam da história oral como método, a historiografia regional tem voltado cada vez mais os olhos para dentro das matas. Com este olhar, revela-se também a história das mulheres da região para as quais a mata desempenha um papel central nas suas vivências. Assim, este é um campo fértil a ser explorado, considerando todas a extensão da Amazônia Legal e as famílias que ali habitam.

Assim, nosso foco consiste em analisar fontes orais de mulheres e homens que viveram nos seringais, em diferentes regiões do Amazonas. Importante ressaltar que, para além das fontes orais, achamos pertinente trabalhar com outras fontes oficiais que nos permitissem entender o funcionamento do comércio e da produção na região, no entanto priorizamos as entrevistas como fontes na construção desta pesquisa, pois entendemos que as fontes orais trazem um peso maior em se tratando de demonstrar como essas mulheres foram, dentro deste período 1940-1950, reinventando novas formas de trabalho nas colocações nos seringais.

Para desenvolver a pesquisa recorreu-se a fontes orais recolhidas pelo método da entrevista; considera-se que a metodologia da história oral nos permite analisar, neste caso, a experiência das entrevistadas nos seringais, conforme indica Portelli:

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos e mais sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre ares inexplorados da vida diária das classes não hegemônicas (...)².

Portanto a pesquisa explora memórias e vivências das mulheres nos seringais.

Segundo ciclo de produção da borracha

² PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, jan./jun. 1997. p. 30.



A Amazônia passou por um longo período de enfraquecimento econômico, pois segundo o *Anuário Estatístico de 1930*³, no ano de 1912, a produção amazonense de borracha atingiu altos níveis de rendimento e grande exportação, contudo, em paralelo, começou a crescer a concorrência advinda da produção asiática, que ganhou o interesse do mercado mundial, além disso, a borracha produzida pelos concorrentes tinha uma qualidade maior e melhor que a da Amazônia.

Em suma, sem condições de concorrer com a produção asiática, a região passou por uma crise econômica que se estendeu até pelo menos 1940, com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e corroborou para os esforços de guerra, retomando o ciclo da borracha.

O avanço do nacionalismo na década de 1930 contribuiu para o surgimento desse processo de ocupação realizado pelo governo, com a Marcha para Oeste, que era uma ideia de criação de “unidade nacional”⁴ e refletia o caráter autoritário do governo, uma vez que deixava de lado as questões regionais de cada região; no caso da Amazônia, as políticas criadas para a região não acarretaram grandes resultados, houve uma forte migração de nordestinos, “colônias agrícolas” foram criadas, mas nada disso trouxe grandes resultados econômicos e de desenvolvimento para as terras amazônicas⁵.

Para Vargas, investir na migração interna seria fundamental para garantir a melhor ocupação da Amazônia e desse modo extrair seus recursos naturais, conforme o presidente manifestou em discurso, em 1940, no Ideal Clube da cidade de Manaus:

Vim para ver e observar de perto as condições de realização do plano de reerguimento da Amazônia. Todo o Brasil tem os olhos voltados para o Norte, com o desejo patriótico de auxiliar o surto do seu desenvolvimento. E não somente os brasileiros, também estrangeiros, técnicos e homens de negócio, virão colaborar nessa obra, aplicando-lhe a sua experiência e os seus capitais com o objetivo de aumentar o comércio e as indústrias, e não, como acontecia antes, visando formar latifúndios e

³ IBGE, Anuário Estático de 1930-40, presente em SANTOS, Roberto. História Econômica da Amazônia (1800-1920). São Paulo. T. A. Queiroz, 1980, p. 217.

⁴ VELHO, Otávio Guilherme. **Capitalismo autoritário e campesinato**: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, p. 128.

⁵ VELHO, Otávio Guilherme. **Capitalismo autoritário e campesinato**: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, p. 142.



absorver a posse da terra, que legitimamente pertence ao caboclo brasileiro⁶.

O então presidente Getúlio Vargas, interessado em explorar a matéria-prima da borracha, buscou em discurso justificar a importância do povo nordestino, para que ocorresse o avanço da extração do látex na Amazônia:

É tempo de cuidarmos, com sentido permanente, do povoamento amazônico. Nos aspectos atuais, o seu quadro ainda é o da dispersão. O nordestino, com o seu instinto de pioneiro, embrenhou-se pela floresta, abrindo trilhas de penetração e talhando a seringueira silvestre para deslocar-se logo, segundo as exigências da própria atividade nômade. E ao seu lado, em contato apenas superficial com esse gênero de vida, permaneceram os naturais à margem dos rios, com a sua atividade limitada à caça, à pesca e à lavoura de vazante, para consumo doméstico. Já não podem constituir, por si sós, esses homens de resistência indobrável e de indomável coragem, como nos tempos heroicos da nossa integração territorial, sob o comando de Plácido de Castro e a proteção diplomática de Rio Branco, os elementos capitais do progresso da terra, numa hora em que o esforço humano, para ser socialmente útil, precisa concentrar-se técnica e disciplinadamente. O nomadismo do seringueiro e a instabilidade econômica dos povoadores ribeirinhos devem dar lugar a núcleos de cultura agrária, onde o colono nacional, recebendo gratuitamente a terra desbravada, saneada e loteada, se fixe e estabeleça a família com saúde e conforto⁷.

Para Lucia Morales, Vargas visava não só aumentar a produção da borracha através do aumento da migração nordestina para os seringais da Amazônia, mas também dar continuação à política de colonização que adotara anteriormente, logo o homem nordestino estaria preparado para esse serviço, conforme mostravam as propagandas na época, essas usadas como forma de atrair esses imigrantes⁸.

As propagandas disseminadas pelo governo, buscavam mostrar uma realidade diferente da do primeiro ciclo da borracha, dessa vez era propagado para os imigrantes que teriam um ambiente farto e que seus direitos estariam garantidos por contratos, conforme explica Lima:

⁶ ROY Rodgson, Ottmar Hitzfeld e o 'clima caluniado' do Amazonas, no histórico 'Discurso do rio Amazonas' de Getúlio Vargas. **Portal Marcos Santos**, 2014. Disponível em: <https://www.portalmarcossantos.com.br/2014/02/19/roy-rodgson-ottmar-hitzfeld-e-o-clima-caluniado-do-amazonas-no-historico-discurso-do-rio-amazonas-de-getulio-vargas/>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

⁷ ROY Rodgson, Ottmar Hitzfeld e o 'clima caluniado' do Amazonas, no histórico 'Discurso do rio Amazonas' de Getúlio Vargas. **Portal Marcos Santos**, 2014.

⁸ MORALES, Lúcia Arraes. **Vai e vem, vira e volta**: as rotas dos soldados da borracha. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002. p. 9-11.



No entanto, o trabalhador arregimentado para a Batalha da Borracha vinha para a Amazônia com promessas governamentais de tratamento diferente dos idos tempos da primeira corrida pela exploração do látex. De acordo com as normas estabelecidas nos contratos de encaminhamento e propagada de forma ostensiva por intermédio de cartazes de propaganda e cartilhas, o seringalista ficava obrigado a facultar ao seringueiro, independentemente de qualquer indenização, o cultivo da terra até um hectare no entorno de sua barraca, possibilitando o consumo pessoal ou da família⁹.

Segundo Verónica Secreto, em 1940, os Estados Unidos investiram na região, interessados na produção da borracha. Visando o aumento da extração do látex, foi criada a *Rubber Reserve Company*, dessa maneira visitaram a Ford¹⁰, com técnicos, buscando alternativas para combater pragas nos seringais e melhorar a produção da borracha¹¹.

Com efeito, com os Estados Unidos inseridos na Segunda Guerra Mundial junto aos países asiáticos produtores de borracha invadidos pelo Japão, houve inquietação com a produção da borracha, acarretando maior preocupação com o desenvolvimento do comércio gomífero amazônico, levando em consideração a grande importância do produto para a guerra¹².

Os acordos de Washington, realizados em 1942, visavam dar ajuda financeira para o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, em troca de alguns minerais, borracha, matérias-primas¹³, já que os Estados Unidos tinham dificuldades em obter determinadas matérias-primas devido à guerra e, nesse momento o Brasil se colocava como um potencial fornecedor desses produtos, extraídos amplamente na região da Amazônia

⁹ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. De arigó a Soldado da Borracha e o fazer-se seringueiro na Amazônia. **Revista Tempo Amazônico**, v. 1, n. 2, p. 4-24, jun./dez. de 2014.

¹⁰ Henry Ford foi responsável pela criação da Fordlândia na Amazônia, que ficava situada no Vale do Tapajós, em uma comunidade denominada Boa Vista, uma tentativa de recuperar a produção da borracha na Amazônia, especulasse que a Ford tenha gastado cerca de 20 milhões com a plantação e a estrutura do local, no entanto quando se retira do Brasil em 1946, passam as plantações para o governo por cerca de 250 mil dólares. – Ver em SECRETO, Maria Verônica. **Soldados da Borracha: trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no governo Vargas**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

¹¹ SECRETO, Maria Verônica. **Soldados da Borracha: trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no governo Vargas**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2007. p. 70.

¹² GARFIELD, Seth. A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 29, n. 57, p. 19-65, 2009. p. 20.

¹³ GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A Batalha da Borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante do Estado Novo. **Revista de Sociologia e Política**, n. 9, p. 95-102, 1997. p. 95.



O problema, segundo Vargas, para a efetivação dessa política era, sobretudo, a grande escassez de mão de obra, junto a extensão da região onde as seringueiras estariam espalhadas em áreas longínquas e apartadas uma das outras. Além disso, o transporte da seringa destes sertões para os pontos de beneficiamento e comercialização se mostrava como outro problema a ser enfrentado.

Visando resolver esses impasses, algumas instituições foram criadas, a fim de garantir uma maior organização da exploração e gerenciamento dos recursos, assim como dos trabalhadores, foram elas:

Banco de Crédito da Borracha – BCB, Departamento Nacional de Imigração – DNI, Comissão de Controle dos Acordos de Washington - CCAW, Superintendência para o Abastecimento do Vale Amazônico - SAVA, Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia - SEMTA, depois substituído pela Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia - CAETA, -Serviço Especial de Saúde Pública - SESP, Serviço de Navegação e Administração do Porto do Pará - SNAPP¹⁴.

Cada um desses órgãos era responsável por diferentes setores, assegurando tanto o cumprimento dos acordos de trabalho, quanto o fornecimento de mão de obra aos seringais amazônicos, com uma realidade de trabalho assegurada por contratos, também garantidores de benefícios.

Desta vez estamos falando de famílias inteiras que iriam trabalhar nos seringais, e apesar das novas políticas, percebemos que o sistema de trabalho dentro das matas, teria mais semelhanças que diferenças com o primeiro ciclo.

Portando, sem a fiscalização do Estado, os trabalhadores nos interiores do Amazonas, na década de 1940, apresentaram-se para o trabalho nos seringais, e acabaram tendo problemas com os seringalistas, a exemplo do sistema de dívidas, no qual as famílias deveriam consumir nos barracões adquirindo ferramentas, alimentos, remédios a preços exorbitantes.

Nesse contexto, os seringalistas exerciam uma dupla exploração, como patrões e como donos dos barracões. Logo, o consumo nesses espaços contribuía ainda mais para que as dívidas dessas famílias aumentassem, tudo o que era vendido dentro dos barracões, até as medicações - segundo os relatórios

¹⁴ NASCIMENTO, Maria das Graças. Migrações Nordestinas para a Amazônia. **Presença - Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**, Porto Velho, n. 12, vol. 2, p. 14-24, 1998. p. 5.



do *Serviço Especial de Saúde Pública* - SESP¹⁵ - que deveriam ser distribuídas de forma gratuita, eram vendidas.

Dito isso, durante a Segunda Guerra Mundial ocorreu a retomada da produção da borracha para exportação em 1940, as políticas do governo federal brasileiro visavam incentivar a entrada de mão obra na região Norte para aumentar a extração do látex para a exportação, muitas famílias vieram para trabalhar nos seringais do Amazonas. Junto a elas, estavam aquelas que se formaram na região e mesmo após a primeira crise da borracha, decidiram continuar trabalhando dentro dos interiores amazônicos. Através da análise de fontes orais e oficiais, fica evidente que a presença das mulheres em maior número, modificou os modos de trabalho nestas localidades e as formas de sobrevivência nas colocações¹⁶.

Mulheres invisibilizadas nos seringais

Dentro desse contexto, a discussão acerca do trabalho feminino nasceu a partir do contato com os relatos de minha avó Altina Lopes, migrante cearense que trabalhou em áreas de seringais, de onde surgiu minhas inquietações historiográficas e que me fizeram posteriormente coletar mais entrevistas de outras mulheres que trabalharam e passaram grande parte de suas vidas nos seringais do Amazonas.

As fontes orais nos permitem entender como se dava o cotidiano dentro desses espaços de mata, segundo Antonio Santos:

Quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser partilhadas, transformando-as em experiência, para fugirem do esquecimento. No momento em que uma entrevista é realizada, o entrevistado encontra um interlocutor com quem pode trocar impressões sobre a vida que transcorre ao seu redor; é um momento no qual lembranças são ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação, ou da saudade, um sentido à vivência do sujeito que narra sua história¹⁷.

A invisibilidade das mulheres nessa região durante o período estudado ainda é grande na historiografia, buscamos inclusive ter o interesse de citar

¹⁵ **Relatório Administração Sesp. Serie Organização e Funcionamento.** 1944. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

¹⁶ Colocações eram as moradias dos seringueiros, em geral feitas de madeira e cobertas de palha.

¹⁷ SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais:** testemunhos, trajetórias de vida e história. Curitiba: DAP, 2005. p. 3.



autoras que se preocuparam com essas temáticas, no entanto ainda são poucos trabalhos, tendo em vista a quantidade de seringais que existiram no Amazonas e na região Norte.

Uma das pioneiras nas pesquisas sobre relações de gênero na região Norte é Cristina Wolff¹⁸, com seu trabalho voltado para as mulheres na região do Alto Juruá, que buscou dar visibilidade às vivências e presença dessas mulheres nos seringais do Acre. Também são importantes os estudos de Maria Luiza Ugarte, que em sua tese de doutorado analisa a presença das mulheres através dos periódicos do Amazonas. No mesmo já trazia discussões importantes não só sobre as mulheres no espaço da cidade, como também nos seringais que são em regiões mais afastadas, chamando atenção para questões como:

Embora explícita nos seringais do interior amazônico, onde se via acobertada pela truculência do mandonismo local, a redução da mulher à condição de mercadoria interferia igualmente na condição feminina no interior das cidades. Com a expansão gumífera, Manaus adquiriu características de cidade cosmopolita, mas isso incluía também, embora pouco se falasse, a ampliação do meretrício para níveis alarmantes.¹⁹

Dito isso, sabemos que nesse período, segundo Cristina Wolff, boa parte das mulheres que eram enviadas como mercadorias para os seringais do Amazonas, vinham da cidade de Manaus. Em meados do século XIX, as regiões onde se encontravam os seringais tinham em sua maioria trabalhadores homens, devido a isto, a mulher era usada como mercadoria, uma vez que os seringueiros que adquirissem os serviços de uma meretriz contraíam uma dívida enorme junto aos barracões²⁰.

Os pesquisadores Antonio Emilio Morga²¹ e Mônica Lage nos apresentam uma visão interessante das mulheres nos seringais no século XIX. Trabalhando com cotidiano e afetividade, evidenciam um universo plural de como viviam essas mulheres nesse período.

¹⁸ WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

¹⁹ UGARTE, Maria Luiza. **Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001. p. 225.

²⁰ WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

²¹ MORGA, Antonio Emilio; LAGE, Mônica Maria. Mulheres nos Seringais do Amazonas: Sociabilidade e Cotidiano. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 91-104, jan. / jul. 2015. Ver também MORGA, Antonio Emilio; LAGE, Mônica Maria. Sedução, Intriga e Entrega nos seringais do Amazonas: Francisca Ribeiro e Antonio Alves da Cunha. **Revista Mujeres**, n. 11, 2015.



Pesquisando a região do Acre, Aldemira Ferreira²² evidencia a experiência das trabalhadoras na década de 1980, também se utilizando de fontes orais. A autora ressalta o trabalho feminino das mulheres acreanas que aos poucos vão se envolvendo em trabalhos que eram considerados masculinos, principalmente no corte da seringa, trabalhando em longas estradas para colher seringa, vendiam a mercadoria por preços considerados baixos, a pesquisa denota as relações entre homens e mulheres, propondo-se a contar a história de mulheres no Acre no período citado.

Podemos então perceber como são ricos os trabalhos que têm dado importância às relações de gênero na região, no entanto, creio que ainda há muito o que ser pesquisado, pois em se tratando da categoria gênero, muitos estudos podem se tornar cada vez mais amplos, ainda mais quando pretendemos examinar a extensão da Amazônia e suas várias comunidades.

Interessante pensar que a invisibilidade dessas mulheres implicou em prejuízos no seu futuro, ou seja, não se trata única e exclusivamente de dar luz a uma minoria, mas analisar como esses planos e políticas foram se constituindo e excluindo também as trabalhadoras.

Para Scott, o ato de dar visibilidade está relacionado à noção de experiência, conforme explica:

Tornar visível à experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressores, mas não seu funcionamento interno ou sua lógica; sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída relacionalmente. Para tanto, precisamos dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. A experiência, de acordo com essa definição, torna-se, não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz. Esse tipo de historicização representa uma resposta aos/às muitos/as historiadores/as contemporâneos/as que argumentam que uma “experiência” sem problematização é o fundamento de suas práticas; é uma [Início da Página 28] historicização que implica uma análise crítica de todas as

²² ALMEIDA, Aldemira Ferreira. Mulheres trabalhando em seringais (1960-1980). **Revista Insurgência**, Brasília, ano 1, v. 1, n. 2, 2015.



categorias explicativas que normalmente não são questionadas, incluindo a categoria “experiência”²³.

Isto é, torna-se necessário analisar como um todo a experiência desses agentes históricos, incluindo o contexto em que estão inseridos e observar nas diferenças uma oportunidade de questionamento²⁴.

As mudanças nas escritas de história do trabalho na década de 1980, deve-se, sobretudo à influência de Thompson²⁵ e seus estudos sobre o “fazer-se” da classe trabalhadora inglesa. Thompson aborda esses movimentos levando em consideração a experiência desses trabalhadores, o contexto em que estão inseridos e suas dificuldades. Assim como influenciou gerações a pensar a história do trabalho com outros olhos, também nos utilizamos desse aporte teórico para pensar os trabalhadores e trabalhadoras dentro dos seringais levando em consideração suas experiências e seu cotidiano.

Neste caso, entender o cotidiano dessas trabalhadoras se faz necessário para que, através da investigação de suas vivências nos seringais, possamos compreender a dimensão das implicações, e dificuldades nas relações de gênero vivenciadas no meio rural.

Através das fontes orais²⁶, entendemos como as mulheres, na década de 1940, estavam inseridas em diversos afazeres nos seringais localizados no Amazonas, ainda assim seus serviços foram considerados inferiores em comparação ao trabalho masculino que era considerado o serviço que “sustentava a casa”²⁷, porém percebemos que se tratava de serviços essenciais para a reprodução social dessas famílias.

Após a análise da história de mulheres que trabalhavam nos seringais e barracões, percebemos que o trabalho feminino foi fundamental para a sobrevivência dessas famílias dentro desse período, onde quem comandava os seringais eram os patrões que buscavam exploravam essas famílias, desse modo,

²³ SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA; LAGO; RAMOS (org.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999. p. 5.

²⁴ SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA; LAGO; RAMOS (org.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999. p. 20.

²⁵ THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

²⁶ Foram realizadas entrevistas com homens e mulheres que trabalharam na extração do látex, também analisamos as entrevistas realizadas por Samuel Benchimol na década de 1940 com migrantes que vinham trabalhar nos seringais.

²⁷ BRITO, Agda Lima. **Mulheres no seringal**: experiência, trabalho e muitas histórias (1940-1950). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2017.



indo além da visão de que o trabalho feminino é apenas completar, na realidade eram elas as responsáveis por boa parte das atividades realizadas nas áreas de seringais.

Heloisa Lara e Mônica Lage são autoras que demonstraram em suas pesquisas que, em meados do século XIX chegando até 1920, era importante a presença de migrantes mulheres em diversas regiões do Amazonas.

Segundo o Censo Nacional, o número de migrante, entre 1872 a 1920, ao ser desagregado por sexo, seria de 45,49% mulheres e de 54,51% de homens, isto nos leva a pensar que a questão da mulher migrante e trabalhadora dos seringais tem sido negligenciada²⁸.

No ano de 1940, segundo o Censo Demográfico, na região Norte do Brasil existiam cerca de 1.462.420 habitantes, sendo que 438,008 presentes só no Amazonas, as mulheres eram 212.281 e os homens 225.727²⁹.

No Anuário demográfico do Amazonas de 1950 percebemos um pequeno aumento da população do Estado passando para o total de 514.099, sendo que desse montante tinham 250.383 mulheres e 263.716 homens³⁰

O aumento no número de famílias nas áreas dos interiores contribuiu para o aumento do número de pessoas concentradas na região rural, que ali desempenhavam trabalhos de agricultura, subsistência e extração de borracha.

Uma das estratégias usadas pelos patrões para manter o trabalhador nas colocações, era permitir a entrada de mulheres, suas famílias no seringal, o que ocasionava mudanças na organização do trabalho e a certo ponto fazia crescer os níveis de produção nos seringais³¹.

Altina Lopes retrata sua chegada no rio Pauini, onde veio a mando do irmão que já se encontrava trabalhando no barracão. Esta senhora migrante nordestina, saiu do Ceará, mais precisamente do Riacho do Sangue, localizado no município de Solonópole, rumo ao Pauini, realizando um longo trajeto.

²⁸ LAGE, Mônica Maria Lopes. **Mulher e seringal**: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010. COSTA, Heloisa Lara Campos. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005.

²⁹ IBGE. **Censo Demográfico 1940** – Rio de Janeiro: IBGE, 1950. v. II. p.101.

³⁰ IBGE. Anuário 1950 do Brasil.

³¹ WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi (org.). **Além dos Territórios**: por uma troca entre a etnologia indígena, v. 1. Os estudos rurais e estudos urbanos. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998.



Esteve em Fortaleza, em Belém e depois seguiu viajando de barco com boa parte da família e onde se encontravam também oito famílias que estavam indo para o Amazonas. Na embarcação, Altina narrou o motivo de irem para ao Amazonas:

É porque meu irmão estava lá minha filha, meu irmão morava aqui (Pauini), mandou nos buscar... Foi o tempo que o Ceará ficou seco não chovia passou dois anos sem chover, aí assim olha passou dois anos para você ver como é que é, passou dois anos sem chover³².

A família da entrevistada, como muitas outras famílias, optou por migrar para região do Amazonas, neste período o índice de egressos do Nordeste aumentou e muitos migrantes, viram na região do Amazonas uma forma de recomeçar suas vidas, sobretudo na década de 1940³³, quando as políticas varguistas, buscavam atrair mão de obra para trabalhar nos seringais, utilizando-se de propagandas.

Nos *Relatórios da Diretoria de Comércio do Amazonas*³⁴, não era somente a borracha que tinha valor comercial para o comércio de exportação e para o abastecimento de bens alimentícios, principalmente para a cidade de Manaus, havia uma preocupação em enviar certa quantidade de outros bens cultivados nas áreas de floresta, tais como castanha e o milho. Importava também que outros bens de consumo fossem produzidos naqueles espaços, sobretudo com a crise da borracha, momento em que se questionou sobre a atenção que deveria receber outros alimentos, ou matérias-primas, como pau-rosado.

É importante ressaltar que esses quadros de bens de abastecimento estavam ganhando maior ênfase por parte do Estado do Amazonas, pois boa parte desse trabalho de agricultura estava intimamente ligado aos trabalhos realizados por mulheres.

Salientamos que, embora nos *Relatórios de Assistência à Agricultura*³⁵ tenha a preocupação em cultivar dentro dos seringais outras espécies de mudas

³² Altina Lopes Lima. depoimento [08 maio. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

³³ Ver BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: um pouco – antes e além depois**. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p. 142 a 389.

³⁴ **Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942**. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

³⁵ **Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942**. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.



para que fossem enviadas para a cidade de Manaus, nos locais onde trabalhavam os seringueiros, os patrões exigiam que fosse dada uma atenção maior para a borracha.

No entanto, a grande questão é que, uma vez que esses alimentos eram produzidos assim como a borracha, deveriam ser encaminhados para a troca nos barracões, a fim de diminuir a dívida dessas famílias perante os patrões.

Esses trabalhadores que também produziam outros alimentos para serem trocados no barracão, acabavam obtendo pouco ou nenhum lucro, esse sistema no Amazonas beneficiava os patrões e foi um dos mais duradouros na região, funcionava de modo que o seringueiro sempre saía prejudicado ao negociar com esse tipo de comércio. Cristina Wolff, define bem como funcionava esse comércio na década de 1940:

A grande questão é que, apesar de ganhar com a seringa muito mais dinheiro do que poderia obter no Nordeste, o seringueiro aqui era obrigado a gastar muito mais com sua subsistência, pois qualquer mercadoria era vendida nos barracões a um preço muito maior do que nas cidades, as vezes 200% mais caro. Além disso, a troca não era normalmente mediada pelo dinheiro, o qual o seringueiro somente obtinha ao final do período de corte, se lograsse ter saldo em sua conta – corrente, na qual eram debitadas suas compras no barracão e creditada a borracha produzida. Isso se o patrão ainda se dispusesse a pagar o saldo, pois são muitos os relatos de brigas entre patrões e seringueiros que cobravam seus saldos. O monopólio que o patrão manteve nessa troca com os seringueiros, reforçado pelo contrato – padrão imposto pelos órgãos governamentais na Batalha da Borracha, e a incompetência desses mesmos órgãos na fiscalização dos abusos, garantia essa troca desigual que fazia com que fosse difícil para um seringueiro liberta – se da eterna dívida com o patrão³⁶.

Uma vez que esses trabalhadores chegavam aos seringais, eram obrigados a consumir nos barracões dos patrões, que cobravam altos preços. O pesquisador Frederico Alexandre completa que:

Repetia-se o engodo do propagandismo de finais do século XX, desta feita com participação direta do Estado Brasileiro. Nos novos seringais imperavam as antigas práticas e proibições, onde o sistema de aviamento, atrelava, mediante um sistema de endividamento, o produtor ao barracão, impedindo sua autonomia na produção da subsistência³⁷.

³⁶ WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 139.

³⁷ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. p. 95.



Levando em consideração que nos seringais onde os trabalhadores deveriam priorizar a produção da borracha, muito mais do que a agricultura, essas famílias que insistiam em continuar produzindo outros bens além da borracha, não eram consideradas “boas trabalhadoras”, dessa forma, quando iam prestar contas com os patrões, estes entendiam que produção desses trabalhadores era inferior a daqueles que se dedicavam somente à extração do látex.

Cotidiano de trabalho de mulheres nos seringais

Com a presença do trabalho feminino nos seringais, era possível que as famílias se dedicassem à agricultura e ao corte da seringa, mesmo com os patrões tentando enraizar na mente dos trabalhadores que a produção da borracha era prioridade³⁸. Nesse contexto foram reinventadas novas formas de sobrevivências nas colocações, contando com aquilo que era produzido dentro dos próprios seringais e com aquilo que poderia ser adquirido em meio à mata Amazônica, na relação com ambiente em que viviam, essas mulheres foram aos poucos se tornando peças fundamentais para a assistência de suas famílias nos seringais.

As mulheres que migraram com suas famílias para a região ou nascidas nos seringais, dentro das colocações, desde muito cedo já tinham uma rotina de trabalho, contando com o tempo para cada coisa, para cada colheita, para o corte da seringa, coleta de frutas, pesca, plantio e cultivo e colheita da roça. Percebemos como os modos de trabalho ainda estão vivos na memória dessas mulheres, já que o seu cotidiano de trabalho estava em torno de sua sobrevivência nas colocações e nos barracões, sua rotina girava, na maior parte do tempo, em torno do trabalho.

As que trabalhavam nas colocações, ao mesmo tempo em que produziam para os seringalistas, experimentavam certa liberdade criando suas formas de resistência, pois segundo Gerson Albuquerque:

A diferença é que no mundo em que vivem, os personagens dessas histórias ganham forma no silêncio, na solidão e nos seus modos de relacionamento com a floresta. Em sua compreensão de mundo, eles ganham concreticidade porque se articulam com os significados da preservação da existência humana, com suas

³⁸ WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da floresta**: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.



tradições e valores, significados que fazem parte de seus modos de vida em constante reelaboração³⁹.

Albuquerque⁴⁰, pesquisando acerca da história de resistência desses trabalhadores do rio Muru, destaca suas vivências na mata, demonstrando uma história de lutas, de solidariedades entre essas famílias, destaca que os seringueiros, dentro dos seus territórios de produção, a mata, buscavam estratégias de burlar o sistema, desviar a produção e negociar mercadorias longe dos olhos do patrão, realizando fugas ou reivindicações por melhores preços. Tudo isso simboliza a resistência nas colocações, dentro de suas experiências de trabalho, rompendo com o medo presente e apresentando formas de reação contra os patrões.

Resistência nesse sentido, criando estratégias para romper com a dominação dos donos dos seringais, dessa forma, estavam burlando o sistema imposto de troca dos barracões e buscando alternativas.

Thompson ao tratar dos trabalhadores pobres, demonstra em seus estudos que por vezes esses agentes históricos reagem de acordo com sua cultura e razão, tecem normas para reagir àqueles que visavam adquirir ganhos em cima dos menos privilegiados. Evidente que a pesquisa de Thompson sobre as revoltas no campesinato inglês⁴¹ não pode ser aplicada diretamente neste trabalho.

No entanto, percebe-se uma resistência cheia de códigos e manobras, o ato de esconder mercadoria do patrão, pode ser considerado um ato de enfrentamento, a insistência em realizar outros serviços deixando de consumir no barracão, mesmo ciente de que os patrões usariam de métodos violentos, caso descobrissem que estavam sendo “ludibriados”, e em muitos casos, as mulheres que escondiam as borrachas para serem vendidas.

Segundo Maria Ferreira⁴², essas mulheres estavam longe de ser apenas donas de casa e mães de famílias, – onde a figura do homem seria o único responsável pelo sustento da casa –, a autora disserta sobre a questão da

³⁹ ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues. **Trabalhadores do Muru**: o rio das cigarras, v. 1. Acre: Editora da Universidade Federal do Acre - EDUFAC, 2005. p. 60.

⁴⁰ ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues. **Trabalhadores do Muru**: o rio das cigarras, v. 1. Acre: Editora da Universidade Federal do Acre - EDUFAC, 2005. p. 177.

⁴¹ THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁴² FERREIRA, Maria Liége Freitas. **Mulheres no seringal**: submissão, resistência, saberes e práticas (1940-1945). VIII Simpósio Internacional Processo Civilizador, História e Educação. Paraíba, 2004.



resistência da mulher quebrando esse domínio do marido e aprendendo a realizar trabalhos dentro da mata, como o corte da seringa. Um caso evidente é o processo de tomada de decisões, e as mulheres que foram estabelecendo canais importantes no ambiente doméstico e de trabalho.

A divisão entre trabalho produtivo relacionado com os homens e o trabalho reprodutivo vinculado à mulher já está enraizado em nossa cultura, há uma ideia de que o trabalho feminino é complementar ou menor, por isso não se tem essa visão que o trabalho feminino é primordial, sem levar em consideração que antes esses trabalhadores não conseguiam realizar outras tarefas além da coleta da seringa e que, portanto, acabavam consumindo em maior quantidade produtos nos barracões, só que com a presença da família, nesse segundo momento de produção da borracha, toda a família é inserida nessa dinâmica de trabalho.

As mulheres extraíam o látex, no entanto existia a preocupação em cortar nas regiões mais próximas das colocações onde moravam, por conta dos filhos, sem contar que o faziam com ferramentas mais velhas, doadas pelo marido, e com isso sua produção acabava sendo de menor escala, se comparada ao do homem⁴³.

Por isso se fez necessário entender como essas mulheres começaram a buscar outras formas de se manter fora das dependências dos barracões, além da borracha, a coleta da castanha, a produção da farinha e a manutenção de uma roça são exemplos claros de mercadorias que eram vendidas nos regatões e armazenadas para consumo próprio.

Não estamos afirmando que os produtos deixaram de ser consumidos por essas famílias, estamos esclarecendo essa nova divisão de trabalho e práticas que eram mantidas por essas mulheres, que possibilitaram uma nova forma de romper com a dependência desses produtos do barracão.

A lida na roça, a produção da farinha para troca e consumo, a castanha, todos foram evidenciados como um trabalho muito pesado, cansativo, muito ligado ao trabalho de mulheres e crianças, que acabavam aprendendo o ofício de roça e colheita com suas mães, conforme percebemos no depoimento de

⁴³ WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi (org.). Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia indígena, v. 1. Os estudos rurais e estudos urbanos. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998. p. 21-22.



Francisca Diogo, trabalhadora do seringal no Anori, ao descrever um dos processos de fazer a farinha que eram realizados por sua mãe, juntamente com o seu auxílio:

Era outro serviço, em roça, ela fazia roça, e aí a gente faz o roçado e depois planta maniva, aí chega o tempo ela vai colher né, aí dali que sai a farinha, da maniva, aí ela cria uma batata né, aí daquela batata que sai a farinha, era o serviço dela era esse, o dele era de seringueiro e o dela era em roça...

Era, da farinha saía a goma, farinha de tapioca, fazia, é (pausa), farinha de tapioca, qualquer coisa que você quisesse fazer, pé de moleque que chama...

Mas a farinha era bem complicada né, você põe uma parte de molho dentro da água, que é para poder para ela amolecer, aí você vai arrancar outra parte e raspar, ceva, no cevado, aí depois você mistura aquela farinha que esta raspada com aquela que esta mole, que amoleceu, aí depois disso a gente coloca dentro de um tipiti²¹⁹ que chama tipiti, aí depois coloca para escorrer a água, depois que escorre aquela água, aí você vai peneirar tudinho, aquela massa, vai peneirar ela, depois que ela está peneirada, aí você já fez o fogo, embaixo do forno, aí você vai jogando aquela massa, aos poucos assim, vai jogando vai mexendo, vai jogando vai mexendo, com pouco fogo, até ela ficar torradinha, aí depois que lá, ficar torrada já está pronta, aí já está boa...⁴⁴

Antônio Guimarães, vivia no seringal localizado no Purus, apresenta o processo de produzir a farinha em que sua mãe trabalhava plantando maniva e produzindo farinha, diferente do primeiro depoimento, neste caso contava com a ajuda de toda família:

Nessas alturas, os adultos era torrar a farinha no fogo, puxar roda, puxar roda era para cevar, manual né. Puxar a roda, botar a massa feita na prensa, para espremer para secar ela, para poder peneirar e daí para torrar, o serviço era isso.

Aquela mulherada tudinho lá embaixo da casa de farinha, um galpão grande e coberto de palha, descasca tudinho (a macaxeira), lava e vai dois homens para a roda e um cevando, cevando, aquela massa vai para a prensa, acocha ela um determinado tempo uns minutos, meia hora, aí ela seca aquela água, aí suspende aquele pau que imprensa ela, aí vai para a peneira, peneirar, aí é que vai para o forno para torrar, isso é o serviço da farinha...⁴⁵

Dentro de todas essas etapas, percebemos o grau de exigência desses processos, tendo em mente que sem a ajuda de toda a família (em alguns casos, ajuda de outras famílias) a produção seria muito difícil, neste processo, a

⁴⁴ Francisca Diogo Jesus. depoimento [06 abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

⁴⁵ Antônio Guimarães. depoimento [06 abril. 2014]. Entrevistadora. Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.



participação maior seria das mulheres e crianças, já que o homem passava horas dentro da mata cortando seringa.

A entrevistada Consuelo Ladislau aponta que foi poucas vezes ao local onde era extraído o látex, ela ficava na área rural esperando o marido, ou a família do pai que cortava seringa em uma região chamada de Morada Nova, próximo ao Anori. A entrevistada explica que: “*não, o barracão ficava aqui eles entravam ainda mais (para dentro), da mata. No barracão quem ficava era o patrão né e eles iam para mais longe, aí lá pegava seringa, ficava três quatro meses*”⁴⁶.

Quando não estava no tempo de cortar, os homens auxiliavam em outros serviços, buscando fabricar sua farinha para o consumo ou para trocar nos regatões, evitando comprá-las no barracão.

A possibilidade de trabalhar em outras tarefas, aumentando assim a possibilidade de sobrevivência, foi factível para este seringueiro, devido à participação de sua família, nas atividades em que este não conseguiam realizar, pois neste caso sua mulher a realizaria com o auxílio dos menores.

A importância de produzir gêneros alimentícios se tratava de algo primordial para a sobrevivência dessas famílias, a pesca, colher frutas e outras atividades, implicavam em uma resistência silenciosa, que por vezes irritava os patrões, pois à medida que se consumiam alimentos cultivados, não seria necessário comprar toda a alimentação nos barracões, trazendo para as famílias a esperança, de saldar sua dívida e conseguir receber ao final do serviço.

Notamos uma profunda ligação, entre o trabalho da mulher e o roçado, dito por alguns entrevistados, como trabalho doméstico, tendo como responsáveis suas mães, as mulheres. A memória de todas as mulheres que foram entrevistadas mostra-se muito ligada a este serviço de roça, mesmo dona Ana Xavier⁴⁷, que trabalhou no seringal no Japurá, cortando seringa, também trabalhou no cultivo da mandioca.

A partir destes alimentos que eram cultivados, poderiam se alimentar e trocá-los nos regatões. Francisca Diogo e Antônio Guimarães acompanhavam suas mães no serviço de roça realizando serviços menores, estes também falam

⁴⁶ Consuelo Ladislau. depoimento [10 abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Sâmya, Manaus: Amazonas, 2016.

⁴⁷ Ana Xavier Pinto. depoimento [15 novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.



do serviço de cultivar maniva como uma tarefa trabalhosa e cansativa, conforme narra Francisca Diogo:

agora a gente acompanhava era a mamãe na roça né, para ajudar, a arrancar a mandioca, por que a mandioca você planta aquela mandioca, aquela maniva né, aí depois você vai arrancar, vai arrancar, aí depois tem aquelas batatas que dali que sai a farinha, daquela batata...⁴⁸

Seu Antônio Guimarães também explica sobre o processo de cultivo da roça:

O que ela (a mãe do Antônio) fazia era trabalho, era canteiro, plantar aquelas verduras, frutas, essas coisas assim (...). É por que, a água sobe ligeiro, e a roça plantada na costa da praia e a água quando sobe, ou a pessoa colhe ou perde, entendeu, então era obrigada a trabalhar dia e noite, está me entendendo, para poder sobreviver, para poder salvar aquela roça, já no fim para arrancar a roça, é de mergulho, que ela está só com a folhinha de fora assim, quando (tem que) mergulha para arrancar, é assim trabalho pesado...⁴⁹

O trabalho na roça era referente principalmente ao cultivo da farinha, que era a parte principal da alimentação desses trabalhadores, a farinha é um alimento que faz parte da rotina de alimentação nas regiões Norte e Nordeste, e segundo os depoimentos acima, é possível notar como aquele cultivo era importante para aquelas famílias; o cuidado com o trabalho que a mãe de Antônio Guimarães tinha é apresentado pela narrativa do filho como algo fundamental para sua sobrevivência, vigiavam a roça dia e noite, a fim de não perder a produção.

Outros alimentos também eram cultivados tais como milho, feijão, tabaco, no entanto, a memória dos entrevistados e entrevistadas, está muito presente no processo de plantio de maniva e fabricação da farinha, justamente porque este é um trabalho não muito diferente dos demais, mas que necessita da cooperação de todos da família, principalmente das mulheres que preparam o solo para o plantio e cuidam daquele roçado.

A farinha é uma das muitas formas de resistência que essas famílias buscam como alternativa, para não precisar comprar no barracão, como

⁴⁸ Francisca Diogo Jesus. depoimento [06 abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

⁴⁹ Antônio Guimarães. depoimento [06 abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.



mencionado por Ana Xavier, pois nos barracões a farinha era “cara que só o diacho”.

Com a constante oscilação e queda dos preços da borracha, os produtos do barracão iam ficando cada vez mais caros para os seringueiros, assim os trabalhadores tornavam-se eternos devedores.

Uma das diferenças com o período anterior foi que o produtor não está mais sozinho na mata, passou a estar acompanhado de sua família, mulheres, filhos, parentes, e através do trabalho estabeleceram modos de se tornar menos dependentes do patrão. Estes trabalhadores diversificaram a sua produção passando a ser também agricultores, coletores de castanha, atividades antes difíceis de serem realizadas sem a presença de suas mulheres, que se tornaram responsáveis por boa parte das práticas citadas, Ana Xavier como já foi dito, demonstra revolta em boa parte de sua fala a repetir “os patrões, tudo bando de ladrão”⁵⁰.

Ana Xavier relata que tinha uma rotina constante de trabalho em meio à mata, aponta a todo instante sua indignação com o domínio que era exercido pelos seringalistas naquele período, por isso, conta que escondia mercadoria do patrão:

Mas lá era uma miséria de vida. Uma pobreza, só o patrão que tinha dinheiro e quem tirasse um quilo de borracha pra vender fora, ele botava pra rua.

Vendia, eu, meu cunhado, um irmão meu, irmão não, irmão do meu marido e eu. Meu marido, todos os dois cortava seringa, eles faziam um principiozinho, escondia e ia esperar o regatão, lá na outra praia e vendia, lá ele ia... aí é que nos podia comprar uma roupa mulher, uma roupa melhorzinha⁵¹.

As castanhas também eram colhidas e tratadas por essas trabalhadoras, conforme aponta Marcelina Teixeira, trabalhadora do seringal narrando que foi o leite da castanha, que ajudou a alimentar seus filhos na floresta⁵². As castanhas além de serem usadas para o consumo também eram trocadas por outras mercadorias nos barracões.

⁵⁰ Ana Xavier Pinto. depoimento [15 novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

⁵¹ Ana Xavier Pinto. depoimento [15 novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

⁵² Trecho de entrevista de Dona Marcelina Texeira, trabalhadora no seringal. In: Jornal Eletrônico O Povo Online. Página consultada em 20 de janeiro de 2017.



Estas famílias sofriam pressões por parte do patrão, mas não eram vítimas passivas, pelo contrário, em uma lógica de exploração em que os trabalhadores e trabalhadoras não conseguiam ter os bens básicos para a sobrevivência de sua família, ou seja, para as mulheres que cuidavam das colocações, encobriam a venda de produtos por fora para os regatões, faziam roça, cuidavam das crianças e cortavam seringa, tinham uma rotina de trabalho exaustiva e necessária, sob constante preocupação com o patrão, que poderia, caso pegasse o seringueiro vendendo borracha para o regatão, o expulsar e confiscar toda a produção daquela família, essa era uma possibilidade entre outras práticas violentas para manter as famílias presas aos seringais, no entanto, mesmo assim faziam todos esses serviços, na tentativa de consumir o mínimo no barracão e adquirir outros gêneros alimentícios.

Segundo as entrevistadas em alguns casos confiscavam até a roupa do corpo de algumas famílias que eram pegas vendendo para o regatão ou que não produziam mercadoria suficiente, conforme indica Marcelo Pereira:

Todavia, em épocas onde o preço da borracha encontrou-se vantajoso no mercado – principalmente durante o “áureo” período de 1870 a 1912 e de 1943 a 1945 – muitos seringalistas proibiam o cultivo da roça, pois entendiam que todo o esforço produtivo devia ser direcionado à seringa. Outros seringalistas não proibiam sob a condição de a produtividade do trabalho não ser comprometida. Tal condição obrigava o seringueiro a aumentar sua jornada de trabalho. A desobediência por parte do seringueiro podia custar-lhe a vida ou pelo menos castigos severos. Muitos seringueiros acabaram por deixar por completo o trabalho no seringal – após quitarem sua dívida no barracão, algo muito raro – e migraram de vez para a agricultura⁵³.

Foi através daquele trabalho coletivo, contando com a participação, em maior parte dessas mulheres, que foi possível realizar o cultivo de outros gêneros alimentícios longe do controle do patrão.

As mercadorias produzidas poderiam ser vendidas para as comunidades vizinhas e para os barcos próximos na região, conforme aponta Ana Xavier: “*plantava as coisas e ia vender no cruzeiro, a gente plantava, pegava peixe e ia vender no cruzeiro*”⁵⁴.

⁵³ PEREIRA, Marcelo Souza. Servidão humana na selva: o aviamento e o barracão no seringal da Amazônia. **Somanlu**, ano 12, n. 1, jan./jun. 2012. p 243.

⁵⁴ Ana Xavier Pinto. *depoimento [15 novembro. 2013]*. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.



O *Jornal do Comercio do Amazonas* de 1945, já no período da crise, apresenta uma matéria em tom de denúncia, evidenciando que os trabalhadores nordestinos, atrapalhavam o comércio dos ribeirinhos, porque vendiam suas mercadorias⁵⁵, a venda dos produtos agrícolas, ao que parece, veio a se tornar uma alternativa para essas famílias para conseguirem se sustentar na região.

Considerações finais

As mulheres que trabalharam nos seringais nos revelam um universo de luta, resistência e sobrevivência em meio às matas, na década de 1940, revelando um mundo de trabalho de agricultoras, seringueiras, pescadoras, defumadoras de látex, comerciantes, parteiras, da fabricação de farinha, coletoras de castanha, além disso, mães, porque cuidavam das crianças, dos afazeres da casa, da coleta de frutas, das pequenas caças, enfim estavam envolvidas em diversos modos de trabalho.

A história tem obrigação de redimir esse silêncio, evidente que aqui não daremos conta de todos os aspectos do trabalho nessas regiões, no entanto é importante tratar de como essas comunidades não eram formadas somente por homens e que muitas mulheres que ali viveram contribuíram para que ocorressem mudanças no cotidiano de trabalho no segundo ciclo da borracha, mesmo sem ter seu trabalho reconhecido ou conhecido como inferiorizado.

Data de submissão: 28/03/2022

Data de aceite: 30/072022

Referências

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues. **Trabalhadores do Muru:** o rio das cigarras, v. 1. Acre: Editora da Universidade Federal do Acre - EDUFAC, 2005.

ALMEIDA, Aldemira Ferreira. Mulheres trabalhando em seringais (1960-1980). **Revista Insurgência**, Brasília, ano 1, v. 1, n. 2, 2015.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia:** um pouco – antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

BRITO, Agda Lima. **Mulheres no seringal:** experiência, trabalho e muitas histórias (1940-1950). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2017.

⁵⁵ *Jornal do Comercio do Amazonas*, 31 de outubro de 1945. Encontra-se na biblioteca pública de Manaus e digitalizados no portal do *Jornal do Comercio*.



COSTA, Heloisa Lara Campos. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005.

FERREIRA, Maria Liége Freitas. **Mulheres no seringal**: submissão, resistência, saberes e práticas (1940-1945). VIII Simpósio Internacional Processo Civilizador, História e Educação. Paraíba, 2004.

GARFIELD, Seth. A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 29, n. 57, p. 19-65, 2009.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A Batalha da Borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante do Estado Novo. **Revista de Sociologia e Política**, n. 9, p. 95-102, 1997.

LAGE, Mônica Maria Lopes. **Mulher e seringal**: um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. De arigó a Soldado da Borracha e o fazer-se seringueiro na Amazônia. **Revista Tempo Amazônico**, v. 1, n. 2, p. 4-24, jun./dez. de 2014.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

MORALES, Lúcia Arraes. **Vai e vem, vira e volta**: as rotas dos soldados da borracha. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

MORGA, Antonio Emilio; LAGE, Mônica Maria. Mulheres nos Seringais do Amazonas: Sociabilidade e Cotidiano. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 91-104, jan. / jul. 2015.

MORGA, Antonio Emilio; LAGE, Mônica Maria. Sedução, Intriga e Entrega nos seringais do Amazonas: Francisca Ribeiro e Antonio Alves da Cunha. **Revista Mujeres**, n. 11, 2015.

NASCIMENTO, Maria das Graças. Migrações Nordestinas para a Amazônia. **Presença - Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**, Porto Velho, n. 12, vol. 2, p. 14-24, 1998.

PEREIRA, Marcelo Souza. Servidão humana na selva: o aviamento e o barracão no seringal da Amazônia. **Somanlu**, ano 12, n. 1, jan./jun. 2012.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, jan./jun. 1997.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais**: testemunhos, trajetórias de vida e história. Curitiba: DAP, 2005.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA; LAGO; RAMOS (org.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.



SECRETO, Maria Verônica. **Soldados da Borracha:** trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no governo Vargas. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UGARTE, Maria Luiza. **Folhas do Norte:** Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

VELHO, Otávio Guilherme. **Capitalismo autoritário e campesinato:** um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi (org.). **Além dos Territórios:** por uma troca entre a etnologia indígena, v. 1. Os estudos rurais e estudos urbanos. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da floresta:** uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.

